



O silêncio da Filha Sombria: o problema do desejo em *America: a Prophecy* e *Europe: a Prophecy*, de William Blake

The silence of the Shadowy Daughter: the desire problem in *America: a Prophecy* and *Europe: a Prophecy*, by William Blake

Andrio J. R. dos Santos¹

Elenara Quinhones²

Resumo: Nas profecias *America* e *Europe*, William Blake apresenta o personagem Orc, uma representação de revolução, energia satânica e desejo. No prelúdio de *America*, Orc liberta-se e violenta a Shadowy Daughter of Urthona. Em *Europe*, a Shadowy Daughter lamenta a fertilidade que se acarreta sobre ela devido ao estupro. Nosso objetivo é analisar ambos os prelúdios, considerando a questão do desejo a partir de noções de alteridade, conforme as perspectivas de Butler (1987) e Hegel (2002).

Palavras-chave: Desejo. Alteridade. Satanismo. Blake.

Abstract: In the prophecies *America* and *Europe*, William Blake introduces the Orc character, a representation of revolution, satanic energy and desire. In *America's* prelude, Orc frees himself and rapes the Shadowy Daughter of Urthona. In *Europe*, the Shadowy Daughter laments the fertility brought upon her because of the rape. Our objective in this paper is to analyze both preludes, considering the desire and the otherness issues, as discussed by Butler (1987) and Hegel (2002).

Keywords: Desire. Otherness. Satanism. Blake.

Introdução

Blake se aproxima do problema do desejo em *The Marriage of the Heaven and Hell* (1790-92) ao associar Satã com o Messias, compreendido na obra como um emblema para o Desejo. O artista também associa Energia ao Desejo. Na lâmina quatro do livro, uma voz profética, intitulada "The Voice of the Devil", corrige dogmas religiosos instituídos, atacando principalmente a questão do dualismo entre corpo e alma. A voz enuncia o que compreende como os três principais erros presentes nos códigos sagrados: a divisão do homem entre corpo e alma; a associação de Energia ao mal e ao corpo e, por sua vez, de Razão com o bem e a alma; o tormento eterno para quem se deixar conduzir por suas energias. Em seguida, a voz afirma a verdade acerca de tais questões:

¹ Doutorando em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: <andriosantoscontato@hotmail.com>.

² Doutoranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: <elenaraquinhones@yahoo.com.br>.

o homem não tem corpo distinto da alma, sendo o corpo uma porção da alma discernida pelos cinco sentidos. Energia vem do corpo e é a única forma de vida; por fim, “Energy is Eternal Delight” (BLAKE, MATRIMÔNIO, 1790-92, lâmina 4, v. 21).

Já nos poemas *America: a Prophecy* e *Europe: a Prophecy*, Blake desenvolve uma personagem satânica de sua própria mitologia, denominada Orc. Frye (1990) menciona que Orc é o espírito da revolução, aquele que traria o apocalipse. Contudo, o autor lê a personagem em contraste com Urizen, a representação da opressão, o deus regulador da mitologia blakeana. Na perspectiva de Frye (1990), Orc e Urizen são aspectos contrários, expressos a partir de ciclos. Orc estaria destinado a confrontar Urizen, derrotá-lo e tornar-se ele próprio um tirano como aquele que depôs. Isso encerraria a leitura das personagens em um ciclo de eterno retorno, composto pela ascensão de regimes tirânicos, eclosão e declínio da revolução e retorno ao despotismo, o que recomeçaria o ciclo.

Blake associa as mesmas características de Desejo e Energia ao personagem Orc, como se ele fosse a representação da Revolução que eclode dessa relação. Em *America*, Orc liberta-se das correntes que o prendem, no intuito de unir-se à revolução. Porém, após essa cena, ele copula com a Shadowy Daughter of Urthona, em uma relação que pode ser entendida como violenta e abusiva. O prelúdio de *Europe* narra as consequências do estupro: na ausência de Orc, a Shadow Daughter questiona e lamenta a incontrolável fertilidade da natureza. Nessa acepção, pretendemos analisar o prelúdio de ambos os poemas, com o objetivo de discutir questões acerca de desejo e de alteridade em relação aos personagens Orc e Shadowy Daughter.

O desejo como categoria filosófica

O problema do autorreconhecimento do sujeito relaciona-se diretamente com a questão do Desejo enquanto categoria filosófica. Em *The Marriage*, Blake associa Energia ao Desejo, utilizando, em alguns casos, os termos como sinônimos. Vale traçar aqui alguns apontamentos acerca do termo Desejo como categoria filosófica, justamente porque a própria reinterpretação do termo demonstra o tipo de subversão que o artista apresenta no referido poema.

Em *Introdução à Leitura de Hegel* (2002), Alexandre Kojève menciona que, segundo Hegel, o desejo é o que dá a um ser cognoscente a capacidade de se reconhecer como indivíduo. O homem seria um ser que possui a consciência de si, de seu estar no mundo, e que seria capaz de aprender e reconhecer este mundo através da

contemplação e apreensão. O desejo seria aquilo que concede ao homem a noção de si mesmo, o conhecimento e reconhecimento de si como indivíduo.

De acordo com Hegel, o conhecimento mantém o homem em quietude passiva e seria o desejo aquilo que o torna inquieto e que o leva a agir. Assim, a ação tenderia a satisfazer o desejo, que só se realizaria pela negação, a qual implica a destruição ou transformação do objeto desejado. Por exemplo, no caso da fome, o desejo só pode ser saciado pela transformação ou destruição do alimento. Desse modo, toda ação seria negadora, pois destrói o objeto desejado, se não sua essência, ao menos sua forma dada. E essa negatividade seria ativa, embora não necessariamente destrutiva, pois a ação que destrói o objeto de desejo, que é objetivo, cria uma realidade subjetiva para substituir este objeto. No mesmo exemplo, o ser que come aniquila a realidade conhecida e a assimila, criando, dessa forma, outra realidade subjetiva e interiorizada. De modo geral:

[O] Eu do desejo é um vazio que só recebe um conteúdo positivo e real pela ação negadora que satisfaz o desejo de destruir, transformar e assimilar o não-Eu desejado. E o conteúdo positivo do Eu, constituído pela negação, é uma função do conteúdo positivo do não-Eu negado (HEGEL, 2002, p. 12).

Para Hegel, a única coisa capaz de ultrapassar a realidade dada seria o próprio desejo, porque “o desejo considerado como desejo, isto é, antes de sua satisfação, é apenas um nada revelado, um vazio irreal” (HEGEL, 2002, p. 12). Isto porque o desejo como forma de revelação de um vazio, como sintoma de uma ausência real, difere do objeto de desejo, da coisa desejada. Desse modo, um desejo que se refira a outro desejo criaria, pela sua ação negadora que assimila para a satisfação do desejo, um outro Eu que não um Eu animal: “[e]sse Eu, que se alimenta de desejos, será ele mesmo desejo em seu próprio Ser, criado na e pela satisfação de seu desejo. E já que o desejo se realiza como ação negadora do dado, o próprio Ser desse Eu será ação” (HEGEL, 2002, p. 12). Assim, esse ser de negatividade que nega, será uma forma de devir que não se manifesta no espaço, e sim no tempo, pois o ato de desejar e a ação de satisfazer o desejo se realizariam no tempo, na negação ativa que transforma.

Desse modo, Hegel comenta que o desejo humano deve buscar outro desejo e que o desejo humano existe em pluralidade. Essa busca seria sempre um conflito de morte entre desejos: o desejo de ser reconhecido. Assim, o ser humano revelar-se-ia e realizar-

se-ia por meio do reconhecimento do outro, dado a partir de conflito de desejos, ou seja, “não basta que a realidade humana nascente seja múltipla. É também preciso que essa multiplicidade, essa sociedade, implique dois comportamentos humanos antropogênicos essencialmente diferentes” (HEGEL, 2002, p. 15).

Nessa discussão acerca do desejo em nível filosófico, vale mencionar o livro *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century* (1987), de Judith Butler, no qual a autora discute a influência do pensamento hegeliano acerca do desejo na teoria francesa. Butler parte de um exame de *A Fenomenologia do Espírito* (1807) de Hegel e passa a discutir os trabalhos de revisores e críticos do referido filósofo, tais como Aleandre Kojève, Jean Hyppolite, Jean-Paul Sartre, Jacques Lacan, Gilles Deleuze e Michel Foucault.

Na obra, a autora investiga os problemas filosóficos em torno do desejo, de uma vida de impulso, do esforço filosófico em domesticar e regular o desejo como uma instância de um lugar metafísico — um conflito que tentaria deslocar o desejo para o nível de uma metafísica da identidade. Butler levanta a questão:

What lies in the balance, however, is the question of whether desire's satisfaction signifies a kind of death in life, whether satisfaction is life's closure or its openness, and whether satisfaction, conceived as the achievement of moral and metaphysical autonomy and an immanent sense of “place” is desirable after all (BUTLER, 1987, p. 14).

Seguindo o pensamento de Kojève, Butler examina e expande a noção de desejo como uma sensação de ausência ou de necessidade. Nessa perspectiva, a noção de desejo hegeliano compreenderia o sentido de não-ser ou de morte, pois só na estaticidade de uma negação é que o desejo, ação e movimento em si, poderia ser satisfeito. Na perspectiva hegeliana entre Senhor e Escravo, Butler argumenta que o Senhor derradeiro seria justamente a morte. Assim, a vitória do Senhor seria a vitória da morte, que seria, na mesma instância, a vitória do desejo.

Influenciada pela psicanálise, a autora argumenta que o indivíduo necessita perder sua identidade antes de se tornar algo em si mesmo; que a noção do eu do indivíduo é perdida a partir do desejo, assim como o próprio desejo direcionaria o indivíduo para o outro. Desse modo, a satisfação do desejo seria o outro, em nível de alteridade, a partir do reconhecimento no outro das ausências e das necessidades pelas quais o indivíduo

ansiaría. Ademais, retomando a Hegel, Butler comenta que o desejo, a partir de uma sublimação, tornar-se-ia um desejo pelo reconhecimento no outro.

Na lâmina 3 de *The Marriage*, Blake associa o inferno ao mal e a tudo o que queima e tem movimento, ideias que sumariza na concepção de Energia. O artista estabelece uma relação paralela ao associar o Paraíso a tudo o que é bom e estático, ideias representadas pela Razão. Como já mencionamos, Blake associa Desejo e Energia. Paley argumenta que “energia” “was a fashionable word in the eighteenth century (...), the word was current in morals, science, and psychology” (1970, p. 3). O mesmo autor também esclarece que a “energia” era associada à poesia e, embora seus significados pudessem ser variáveis, havia certa constância de significações entre as ideias de “force; vigour; efficacy” (1970, p. 5). Por fim, Paley menciona que “Blake conceives of energy as erotic in origin and as revolutionary in expression” (1970, p. 10).

Parte da concepção blakeana de Energia foi reapropriada a partir do Satã de John Milton, do épico *Paradise Lost* (1667), cujo artista via como um combustor infindo de energia revolucionária e poética. Para Blake, a queda de Satã concede o mundo e afirma seu potencial humano. Como Schock menciona (2003), o Satã de Milton era reapropriado como um símbolo multivalente, tanto por revolucionários quanto por conservadores. Como o Rei era considerado ungido por Deus, os revolucionários assumiam a caracterização de satânicos, pois acreditavam rebelar-se contra um poder tirânico quase invencível. Os revolucionários eram influenciados pela leitura heroica que se empreendia comumente a respeito do Satã de Milton no século XVIII. Por sua vez, os conservadores consideravam os revolucionários satânicos em termos tradicionais, como inimigos da “moral e bons costumes”, uma ameaça para a hegemonia da aristocracia.

Em Blake, as ideias de Energia e Desejo estão ligadas a Satã e ao fogo. Bachelard associa o fogo ao devaneio: “[s]omos criados por nosso devaneio. Criados e limitados por nosso devaneio, pois é o devaneio que desenha os últimos confins de nosso espírito” (BACHELARD, 1994, p. 161). Nessa perspectiva,

[o] que reconheço como vivo, de imediatamente vivo, é o que reconheço como quente. O calor é a prova por excelência da riqueza e da permanência substanciais; por si só oferece um sentido imediato à intensidade vital, à intensidade de ser. Comparadas à intensidade do fogo íntimo, como as outras intensidades sensíveis são frouxas, inertes, estáticas, sem destino (BACHELARD, 1994, p. 162).

Nesse contexto, o fogo tem uma relação direta com o que é infernal, com a Energia proclamada pelo poeta. Esta seria a moção do processo criativo. Ao associar Desejo e Energia, compreendendo o Desejo com algo da ordem do sensual, do corporal e até do sexual, parece coerente a aura demoníaca e infernal que Blake investe na sua arte profética. Assim, Energia, em Blake, abarca uma noção ampla de vida, de atividade vital, de algo vivificante; emana do corpo, mas não é contida por ele, realiza-se no ato de viver de forma expansiva, o que contraria a racionalidade cognitiva.

O silêncio da filha sombria e o desejo autocentrado de Orc

No prelúdio de *America*, a “Shadowy Daughter of Urthona” surge, nua, ostentando apenas elmo, bandeja e taças de ferro. Orc exclama: “[...] thy father stern, abhorr’d,/ Rivets my tenfold chains while still on high my spirit soars;/ Sometimes an eagle screaming in the sky, sometimes a lion” (BLAKE, 1793, lâmina 1, v. 13-15). A expressão “on high my spirit soars” indica que seu pai o conteve quando seu ímpeto estava inflamado. A ânsia do personagem por libertar-se também poderia aludir a sua vontade de unir-se a Revolução Americana, uma vez que ele afirma ouvir “[s]ometimes an eagle screaming in the sky, sometimes a lion”, uma possível alusão ao confronto entre a América (eagle) e a Inglaterra (lion). Na passagem seguinte, com seus “wrists of fire”, Orc rompe as correntes que o prendem e possui a “Shadowy Daughter of Urthona”, que põe de lado suas nuvens, ou vestimentas, e sorri. Contudo, assim que tomada, ela explode em um grito virginal. Orc é incapaz de perceber a dor da Shadowy Daughter nessa relação sexual, devido à perda da virgindade. Da mesma forma, a própria personagem não parece compreender de fato a situação em que se encontra.

Jung, em *Psicologia e Alquimia*, menciona que, durante o desenvolvimento, o indivíduo realiza uma transferência da imagem da *anima*. A anima seria os aspectos inconscientes de expressão feminina de um indivíduo: “[a] mãe é a primeira portadora desta imagem e isso lhe confere um poder de fascínio sobre o filho. Via irmã e outras figuras semelhantes, este poder se transfere à mulher amada” (JUNG, 1991, p. 81). Essa transferência de fascínio ou desejo da mãe para a irmã seria como uma espécie de segredo ou mistério capaz de conduzir o indivíduo de volta à infância, em um retorno ao Éden, ao estado de inocência, para que esse estado pudesse ser integrado pelo sujeito: “[a] irmã é um remanescente do passado, [...] a portadora da imagem da anima” (1991, p. 81). É possível reconhecer essa transferência no caso de Orc. A personagem desenvolveu uma relação incestuosa com a mãe, Enitharmon, justamente a causa de sua

contenção pelas “correntes do ciúme”, por parte de seu pai, Los. Porém, nessa transferência, Orc encontra na Shadowy Daughter a figura da irmã. Todavia, a realização dessa transferência, se é que se dá de fato, ocorre de forma violenta: um estupro.

Nesse ponto, podemos retomar as ideias de Hegel e Kojève, assim como as de Butler, acerca do desejo. Blake apresenta uma perspectiva em que o desejo é uma negação, uma ausência sempre suprimida. O estupro da Shadowy Daughter não seria uma forma de desejo realizado, e sim uma forma de desejo autocentrado. Ao libertar-se, Orc comete o estupro e, logo em seguida, manifesta-se no mundo material. Assim, questionamos: seria sua manifestação física um emblema para a queda, a perda do paraíso? Evitando respostas pragmáticas, consideramos que essa queda, essa morte, não cessa o desejo, pois Orc manifesta-se e se assume como um ícone da revolução na América, conforme o desenvolvimento do enredo do poema. A queda, então, gera uma fome ainda maior, uma sensação ainda mais ardente de desejo. O autocentramento de Orc, a tentativa de satisfação de seu desejo pelo estupro, apenas aumenta a ausência que ele tenta suprir com a posterior e violenta intervenção que propaga nas planícies americanas. Considerando que “[s]omente ao ser reconhecido por um outro, pelos outros e — no extremo — por todos os outros é que o Ser humano é realmente humano: tanto para ele como para os outros” (HEGEL, 2002, p. 15), ponderamos que, no seu terror frente a perda da virgindade, a Shadowy Daughter não reconhece Orc, reconhece sim o horror da finitude. Logo, a ânsia de Orc por reconhecimento e seu amor transmutado em violação sexual seriam a moção de seu ímpeto destrutivo.

Essa perspectiva é condizente com o método de libertação do personagem, assim como com o seu lugar de claustro: Orc liberta-se da caverna onde estava através de seus “wrists of fire”; o fogo queima e destrói a virgindade da Shadowy Daughter, embora seja também o responsável pela consumação da materialidade de Orc. Bachelard, em *A Psicanálise do Fogo*, menciona que “todos os *complexos* ligados ao fogo são, afinal, complexos dolorosos, complexos ao mesmo tempo neurotizantes e poetizantes, complexos reversíveis: podemos encontrar o paraíso em seu movimento ou em seu repouso, nas chamas ou nas cinzas” (1994, p. 163). Bachelard também comenta que “[a] luz brinca e ri na superfície das coisas. Mas só o calor *penetra*” (1994, p. 61). Tal necessidade de penetrar, de descer ao interior das coisas e dos seres, seria justamente o ato de ceder à sedução do fogo, a intimidade, a materialidade e, conforme supracitado, a transferência da mãe para a irmã ctônica, ao mistério que oferece o retorno à infância. Esta infância, este “antes da queda”, seria o mistério da terra obscura, onde a luz, o olhar e o toque não alcançam, onde apenas o calor do fogo é capaz de insinuar-se. Estes

sentidos remetem a uma empatia com o obscuro e o quente, com o fogo e os interiores secretos; no caso de Orc, também velados, se consideramos o caráter virginal da Shadowy Daughter.

Em relação ao momento revolucionário de conflitos vivido por Blake, compreende-se o estupro da Shadowy Daughter como uma metáfora. Orc sustenta a violência como meio de consumir o desejo, neste caso, um desejo por liberdade. A personagem exige que a Shadowy Daughter seja dada a ele como meio de escape, tanto de sua raiva quanto de sua prisão. Nesse sentido, o prelúdio funciona como uma tentativa de livrar a humanidade dos terrores do corpo, da carne e do desejo sexual, sugerindo uma consumação violenta de desejos. No entanto, essa realização do desejo sexual se estabelece de forma autocentrada, em uma direção do eu para si mesmo, uma vez que Orc comete um estupro e toda a sua representação perpassa sentidos de autocentramento. Não obstante, o despertar sexual de Orc é em si uma forma de negação, devido aos sentimentos passivos da personagem feminina, sua pena e sua misericórdia: “[s]he is the vision of love that allows fallen reason to control religion, to divert energy and skills into the arts of war, and into the physical drudgery that sustains commerce and industry. And she is the power that eventually undermines these activities” (LINCOLN, p. 226, 2004).

Na lâmina 2 do poema, a Shadowy Daughter responde Orc. A personagem menciona que “[t]hou art the image of God who dwells in darkness of Africa:/ And thou art fall’n to give me life in regions of dark death” (BLAKE, 1793, lâmina 2, v. 8-9). A menção de que Orc seria a imagem de Deus remete, como mencionado anteriormente, a um retorno à infância, ao Éden e, principalmente, à ideia de uma divindade encontrada a partir da consumação do desejo físico-sensual, da busca pelos mistérios ctônicos – perspectiva contrastante, vale ressaltar, com as ideias transcendentais do cristianismo tradicional.

O último verso desse excerto, “fall’n to give me life”, poderia indicar não uma concepção sexual em si, geradora de vida, mas uma liberdade advinda da morte. Esta “image of God” surgida após o estupro refere-se a uma relação entre o divino e a consumação do ato sexual que, de forma violenta, exige o sacrifício de um, Shadowy Daughter, em nome do outro, Orc. Ao contemplar a misteriosa personagem, o desejo acorrentado e suprimido de Orc desperta, e a consumação violenta desse desejo o liberta.

Essa leitura se estende à *Paradise Lost* (1667), grande fonte de Blake para sua concepção demoníaca. No Canto II do poema de Milton, lê-se o relato de Pecado, filha de Satã, criada ainda no paraíso, antes da queda, a partir do desejo autocentrado do pai. Na

ocasião, Satã, encantado com a beleza da figura, a possui em segredo: “[t]hy self in me thy perfect image viewing/ Becam’st enamour’d, and such joy thou took’st/ With me in secret” (MILTON, 2007, p. 59). Pecado reúne exércitos através de engodos de poder e da oferta de seu próprio corpo aos anjos celestes. Só a partir dela Satã foi capaz de levar sua revolução à termo. A partir dela, ele caiu para sua angustiante liberdade humana, para não mais servir no paraíso. Ainda assim, tanto Satã quanto Orc, após a consumação do desejo sexual, dão as costas às suas contrapartes, Pecado e Shadowy Daughter. Satã arfa suas asas no vácuo em busca de vingança. Orc cai ao mundo material para unir-se à revolução na América.

Paley comenta que a energia erótica e revolucionária que Blake investe em sua poesia carrega em si a possibilidade de apocalipse. Blake considerava que o homem perdeu o infinito e foi trancado dentro de uma prisão limitadora, composta pelos cinco sentidos. Assim, a questão do apocalipse se relaciona com a consumação do desejo, com a experiência físico-sensual, relativa ao corpo e ao sexo. Todavia,

[a]s relações normais com os objetos do mundo se fazem às expensas de uma certa quantidade de energia. Se essa relação com o objeto é interrompida há uma “retenção” de energia que forma, por seu lado, um substituto equivalente. Tal como a mania de perseguição resulta de um relacionamento envenenado pela desconfiança, assim também uma realidade ilusória vem substituir a animação normal do meio ambiente e, em lugar de pessoas, começam a mover-se sombras aterradoras e fantasmagóricas (JUNG, 1991, p. 59).

Neste ponto, levantamos a seguinte questão: tendo Orc cometido um estupro e dado às costas a sua representação de libertação, a Shadowy Daughter, qual seria o substitutivo para a energia sensual da personagem, esta sombra mencionada por Jung? A libertação de Orc dá-se por um desejo autocentrado, masturbatório, que não reconhece o outro e, principalmente, que deixa para trás a figura que encarna essa libertação de desejo, a imagem de transferência. Desse modo, sua reação frente à finitude e às angústias do mundo material se estabelece na forma de uma explosão ainda maior de violência. Na lâmina cinco de *America*, o Anjo de Albion contempla a chegada de Orc, “[t]he terror like a comet, or more like the/ planet red” (BLAKE, 1793, lâmina 5, v. 4-5). A personagem é como uma síntese das coisas vermelhas: fogo, sangue, a terra fecundada.

Orc destrói impérios, mas eclipsa o sol que, em termos alquímicos (JUNG, 1991), seria o retorno à infância, ao paraíso, o caminho da descoberta de uma divindade imanente.

Por sua vez, o prelúdio de *Europe* dialoga com o de *America* e apresenta as consequências do estupro da Shadowy Daughter of Urthona, na ausência de Orc. A personagem se expressa através de um solilóquio que ocupa totalmente as duas primeiras lâminas do poema. A Shadowy Daughter enfatiza sua incompreensão frente à fertilidade da natureza; inseminada por Orc, ela passa a dar à luz “howling terrors” e “fiery kings” (BLAKE, 1794, lâmina 2, v. 4) — as definições da prole de Orc já sugerem a violência característica das consequências de seus atos.

A perda da virgindade, em *America*, parece ter submetido a Shadowy Daughter à dominância de Enitharmon, uma vez que “[h]er snaky heir brandishing in the winds of Enitharmon” (BLAKE, 1793, lâmina 1, v. 2). Segundo Foster Damon (2005), a personagem Enitharmon é a representação da repressão do desejo e apresenta-se como um emblema para o cristianismo. Entre os principais dogmas cristãos, estão a inacessibilidade, a intangibilidade e o caráter inefável de Deus. Enitharmon também possuiria algo de obscuro em sua caracterização, o que, para Damon, seria de fato uma representação dessa distância divina, dessa ruptura entre o paraíso e o mundo material.

Ainda que a Shadowy Daughter possua cabelos serpentinicos, ou seja, qualidades femininas sensuais e com potencialidades apocalípticas, pois o caráter serpentino pode ser lido em relação à queda, esta potencialidade permanece sob o julgo dos ventos de Enitharmon, de seus ideais de subversão sutil e piedade. A Shadowy Daughter questiona diretamente Enitharmon pelo fardo do parto. A personagem não compreende a razão de suas dores e pede à mãe que tome seu lugar, para que assim ela se desvaneça. Contudo, há uma asserção acerca do desejo e da consumação desse desejo. Como acontece com Pecado em *Paradise Lost*, a Shadowy Daughter é seguidamente fecundada pelos filhos que pare. Porém, Pecado lamenta a incessante fecundação a que é submetida; a Shadowy Daughter, por sua vez, menciona que está em uma posição de “Consumed and consuming!” (BLAKE, 1794, lâmina 1, v. 10), ou seja, além de ser consumida, de alguma forma, ela consome, realiza o desejo físico-sensual. A personagem menciona também que: “I sieze their burning power/ And bring howling terrors, all devouring fiery kings” (BLAKE, 1793, lâmina 2, v. 2-3). Mas esse desejo, apensar de inerente, não é consciencioso. Ela compreende a necessidade, mas não o próprio desejo, uma vez que não tomou conhecimento do desejo em *America*, por ter sido possuída e inseminada de forma violenta. O desejo autocentrado de Orc como que drenou a autodescoberta da Shadowy Daughter.

Por isso, após o seu solilóquio, a Shadowy Daughter se retira: “[s]he ceast & rolld her shady clouds/ Into the secret place” (BLAKE, 1794, lâmina 2, v. 16-17), em um retorno à obscuridade antes da autodescoberta, antes da transferência de energia, impossibilitada pelo estupro de Orc. Também é por essa razão que os filhos de Orc, os filhos da revolução, podem apenas ser concebidos como “howling terrors, all devouring fiery kings” — relação que poderia ser estendida ao Terror Jacobino, durante a Revolução Francesa. Nos últimos versos do solilóquio da Shadowy Daughter, ela questiona sobre quem conterà o infinito, ou seja, quem criará o corpo, a materialidade. Então, ela se recolhe a seu silêncio de incompreensão e escuridão misteriosa. Privada de sua autodescoberta, resta-lhe apenas as mesmas características inefáveis e transcendentais de Enitharmon ou do dogma judaico-cristão tradicional.

Considerações finais

A partir da definição hegeliana, compreendemos que o desejo permitiria ao homem realizar seu reconhecimento na sua condição de indivíduo, posto que seria graças a necessidade de satisfação desse desejo que o indivíduo sentiria necessidade de agir. A partir dessa ação, que visa saciar o desejo, o indivíduo reconheceria o outro, em nível de alteridade. Ou seja, seria nos conflitos e na soma de uma infinidade de desejos, todos distintos entre si, que o homem poderia se reconhecer e reconhecer ao outro. Em última instância, Butler (1987), após analisar as concepções hegelianas sobre desejo, afirma que o reconhecimento de si só seria possível, na qualidade de indivíduo, depois da perda de sua própria identidade. Da mesma forma, o desejo está intimamente ligado à necessidade de reconhecimento do outro.

O desejo, nos personagens Orc e Shadowy Daughter, manifesta-se como uma negação. Através do estupro de Shadowy Daughter, Orc adentra ao mundo material, ou seja, é através do conflito de seus desejos que os personagens reconhecem a si mesmos. Na perda dolorosa da virgindade, Shadowy Daughter conhece a finitude e o silenciamento. Para Orc, sua necessidade de ser reconhecido leva-o ao ato extremo da violação sexual, a manifestação de seu impulso devastador. O desejo autocentrado de Orc impede a autodescoberta da Shadowy Daughter e, por consequência, ela é incapaz de conhecer seu desejo manifesto. Assim, em termos de alteridade, podemos pensar que o silenciamento de Shadowy Daughter é uma forma de negação do outro.

Desse modo, a vontade de ser, de tornar-se individualizado, impulsiona o Orc de Blake contra o sistema despótico religioso e social. Porém, esse caráter de urgência e libertação assume um verniz violento em certas instâncias, pois Orc representa o retorno

da energia e do desejo banido do paraíso. Essas forças atuam de maneira paradoxal, agindo ao mesmo tempo a partir de uma perspectiva salvadora e destrutiva. Essa questão dual permanece no âmago da representação demoníaca de Blake. Pois Orc é fogo, infernal e messiânico, como na assertiva de Cristo no evangelho apócrifo de Tomé: “[t]odo aquele que estiver próximo a mim, está perto do fogo” (1: 82). O fogo arde, queima, consome a matéria e é capaz de alcançar os mais profundos abismos da terra e do homem. Orc é também o propulsor do deleite dos sentidos; é instinto, ânsia, vontade, a lembrança do Éden e a esperança de retorno. Porém, de forma dual, ele é violência e autocentramento. Pois Orc representa também a negação do outro e o impedimento do reconhecimento do outro.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos** – Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Livraria Martins Flores Editora Ltda, 1997.

_____. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BLAKE, William. **America A Prophecy**, Cópia A, 1793. Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/exist/blake/archive/copy.xq?copyid=america.a&java=no>>.

Acesso em 09/03/2016.

_____. **Europe A Prophecy**, Cópia A, 1794. Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/exist/blake/archive/copy.xq?copyid=europe.a&java=no>>.

Acesso em: 09/03/2016.

_____. **The Marriage of Heaven and Hell**, Cópia H, 1790. Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/exist/blake/archive/copy.xq?copyid=mhh.h&java=no>>.

Acesso em 07/03/2016.

BUTLER, Judith P. **Subjects of desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France**. New York: Columbia University Press, 1987.

DAMON, S. Foster. **A Blake Dictionary** – The Ideas and Symbols of William Blake. Hanover: Dartmouth College Press, 2013.

FRYE, Northrop. **Fearful Symmetry** – A Study of William Blake. Princeton: Princeton University Press, 1990.

HEGEL, Georg W. F. À guisa de introdução. In: KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2002, p. 11 – 31.

_____. **A fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2011

JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LINCOLN, Andrew. From America to The Four Zoas. In: EAVES, M. (Ed.) **Cambridge Companion to William Blake**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 210 – 230.

MILTON, John. **Paradise Lost**. Oxford: by Blackwell Publishing Ltd, 2007.

PALEY, Morton D. **Energy and the imagination** – A Study of the Development of Blake's Thought. Oxford: Oxford University Press, 1970.

PROENÇA, Eduardo (Org.). **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**. Fonte: São Paulo, 2005.

SCHOCK, Peter A. **Romantic Satanism** – Myth and the Historical Moment in Blake, Shelley, and Byron. New York: Palgrave Macmillan, 2003

TAVARES, Enéias Farias. **As Portas da Percepção: Texto e Imagem nos Livros Iluminados de William Blake**. Tese de Doutorado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012.